

## Estados mentais não representados<sup>[1]</sup>

João Carlos Braga<sup>[2]</sup>

**RESUMO:** O autor faz um apanhado da presença dos estados mentais não representados e de seu papel histórico como fronteira a ser ultrapassada pelo crescimento do conhecimento psicanalítico. Dentro desse amplo campo, privilegia as contribuições de Bion para examinar mais aprofundadamente o tema, expandindo-o através da apresentação de quadros ilustrativos do modelo de funcionamento mental advindo desse autor, em gráficos por Rudi Vermote. Também são apresentadas descrições da frequente presença na clínica desses estados mentais não representados.

**PALAVRAS-CHAVE:** estados indiferenciados da mente, estados mentais não simbólicos, estados mentais não nascidos

---

1. Aula inaugural do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) ministrada em 11 de fevereiro de 2023.

2. Médico e psicanalista. Doutor em medicina. Membro efetivo e analista em função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC).

Por se tratar da aula inaugural das atividades do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), pensei ser adequado começar com uma palavra especialmente dirigida aos colegas em formação analítica, que também pode ser estendida a todo analista “já formado” que continue a buscar *ser* analista. Para tanto, vou recorrer a um pensamento formulado por Patrick Miller no prefácio do último livro de Howard Levine (2022), cuja leitura me ofereceu subsídios para pensar o tema que vamos discutir hoje: “tornar-se um analista é uma investigação sem fim, uma permanente autointerrogação, sustentar um diálogo e confronto com outros pensadores, vivos ou mortos – primeiro e acima de tudo com Freud – e uma conversação consigo mesmo”.<sup>[3]</sup>

Pessoalmente, acrescento também achar fundamental um diálogo especial com Klein e Bion, além de Freud, pela riqueza de suas contribuições para o desenvolvimento do pensamento e da prática psicanalítica. Minha abordagem nesta apresentação vai oferecer razões para essa forma de pensar.

### **Os estados mentais não representados: uma nota pessoal**

Gostaria de adentrar no tema *estados mentais não representados* com uma palavra sobre sua escolha para esta aula inaugural.

Há pouco, dizia sentir-me “emocionalmente ligado à SBPRP por vários e diferentes vínculos”. Vou especificar um deles, muito relevante para mim.

O tema que estou me propondo a desenvolver hoje com vocês começou a nascer em minha vida psicanalítica na década de 1990, em contato com José Américo Junqueira de Mattos. Estar aqui hoje falando desse conceito, na casa de Junqueira, ganha um sentido especial para mim, de homenagem pessoal a ele, um psicanalista com uma notável intuição e dedicação à psicanálise. Em sua análise com Bion (1977-1979), Junqueira havia tomado contato com observações sobre elementos de uma consciência moral que não pertenciam à dimensão do que é desenvolvido em experiências de relações objetais. Eram estados mentais não representados. Ou seja, não eram simbólicos e, possivelmente, nem representáveis. Conversamos muito sobre essa ideia, após Junqueira reencontrá-la em várias das supervisões de Bion de 1978 em São Paulo, que ele havia transcrito de gravações e traduzido para o português.

Levei tempo para integrar essa ideia, que hoje é parte essencial de meu pensamento psicanalítico. A intuição de Junqueira foi me permitindo aproximações com o conceito de Bion de mente primordial, uma das maneiras com que estados mentais não representados se apresentam em uma análise. Integrar essa visão nos sistemas de pensamento psicanalítico da tradição Freud-Klein-Bion é tarefa que continua a me demandar trabalho mental, mas que passei a reconhecer como operativamente muito útil em minha prática clínica (Braga, 2009/2011, 2010/2011, 2016).

---

3. Tradução de citações de obras em língua estrangeira feita pelo presente autor.

## Estados mentais não representados: uma aproximação histórica

A psicanálise nasceu e floresceu identificando, conceituando e trabalhando experiências com estados mentais não representados. Em uma visão histórica abrangente, diferentes formas de não representação de funcionamentos mentais foram sendo identificadas, levaram à construção de conjecturas, hipóteses e teorias que se organizaram nos seis diferentes sistemas de pensamento psicanalítico que hoje conhecemos. Ou seja, falar de estados mentais não representados – contrastando-os com os estados mentais representados – remete-nos ao todo do conhecimento psicanalítico, assim como nos remete ao primeiro modelo de funcionamento mental de Freud (1900/1972), a polarização entre consciente e inconsciente.

O conceito de *estados mentais não representados* destaca a condição da função princeps da mente, a representação do contato que temos com a realidade, um conceito mais amplo e preciso do que a qualidade de ser consciente ou não. É uma indicação para pensarmos a mente como um campo infinito de relações, em vez de pensá-la como estruturas que se inter-relacionam.

Em uma visão evolucionista, a psicanálise surge com Freud em uma perspectiva psicopatológica, como um trabalho terapêutico de decodificação do não representado (inconsciente) a partir dos estados representados e dos comportamentos do analisando (consciente). Simplificadamente, uma visão espacial e estrutural da mente. Essa visão hoje coexiste com outra, a de que a mente pode ser aproximada como um campo infinito de relações entre objetos, o que nos leva a perceber o pano de fundo dos pensamentos de Klein e, principalmente, de Bion. Em ambos os modelos, a observação de estados mentais fundamentais, como a repressão e a identificação projetiva, oferecem boas oportunidades para observarmos a presença de estados mentais que têm o seu cerne no não representado.

Em Bion, essa expansão do não representado como um domínio fortemente presente no funcionamento mental surge com as teorias do pensar (1961/1988), do conhecer/não conhecer (1962/1966, 1963/2004, 1965/2007), das transformações em ser ou tornar-se a realidade (1965/2007) e, finalmente, da mente primordial (obras publicadas entre 1976 e 1979 em geral).

Veja-se que podemos dizer que o fio condutor de todas essas expansões no pensamento psicanalítico tenha sido a busca de alcançar os estados mentais não representados e dar-lhes representação. Um escalonamento em cronologia histórica ajuda a visualizar a ideia da mente como formando-se por camadas de desenvolvimento, como na estratificação geológica ou no modelo da cebola (Bion, 1977/1981, p. 129):

- 1) o reprimido, estados com representação inconsciente, mas não representados na mente consciente, tornando-os assim inacessíveis ao próprio indivíduo (Freud, 1900/1972);
- 2) estados mentais com distorções importantes em suas representações, os estados narcísicos (Freud, 1914/1987);
- 3) estados mentais em que as funções da mente em seu desenvolvimento inicial,

como descritas por Klein, continuam a existir como formas ativas, coexistindo com formas mais maduras da mente simbólica. A referência primária aqui é a identificação projetiva (Klein, 1946/1969), posteriormente vista por Bion (1959/1988) também como forma inicial de desenvolvimento de pensamentos;

4) estados mentais em que a função de representar as experiências (função alfa em Bion) fracassou ou se mostra insuficiente ou, ainda, em que sua operação é revertida e o já simbolizado assume qualidades de concretude (elementos beta). Estados somatopsicóticos, alucinatórios, atuações, fenômenos grupais são as formas com que frequentemente nos aproximamos desses estados de não representação (Bion, 1961/1988, 1962/1966, 1963/2004, 1965/2007);

5) estados mentais não representáveis, mas que podem ser vivenciados (a condição do ser-um-com, *at-one-ment*; Bion, 1965/2007, 1970/2004) e, secundariamente, ser representados a partir da experiência emocional recém-vivida;

6) estados não representados da mente primordial (possivelmente não representáveis), identificados por Bion como o *urge* para existir, a consciência moral primitiva e o ser só e dependente (obras de 1976 a 1979).

Essa aproximação apresentada também ajuda a perceber os desenvolvimentos da psicanálise como levados por um vetor, algo como o instinto epistemológico de Freud e de Melanie Klein, conduzindo do indiferenciado para o diferenciado, do não nascido para o plenamente existente, do imaturo para o maduro, do não representado para o representado.

### O não representado em Bion

Dentre muitas possibilidades para examinar os estados mentais não representados, vou delimitar minha abordagem a como o não representado esteve sempre no limiar de investigações do pensamento de Bion. Nessa perspectiva, podemos distinguir três ordens de experiência:

1) Primeiro, ainda em uma perspectiva explicativa e com uma nuance psicopatológica, o não representado surge na identificação de estados de distorção do pensar, através da presença de produtos imaturos ou defeituosos, resultantes de fracassos completos ou parciais da função alfa; intolerância à frustração e à dor mental seriam seus determinantes. Acompanhamos essa visão em “Uma teoria sobre o pensar” (1961/1988), em *O aprender com a experiência* (1962/1966) e em *Elementos de psicanálise* (1963/2004). As distorções no processo de pensar (concretude em vez de representações, alucinação, desnudamento de significados, a linguagem como ação) parecem pensamentos, mas de fato não o são: são estados mentais de não representação, sem a condição simbólica, vivências de coisas-em-si-mesmas eliminadas da mente tendo palavras como seu continente – são o que parecem representar. Na clínica, a grande mudança aqui ocorrendo, é a passagem de uma busca de entendimento de significados no plano manifesto para a atenção às experiências de intuição do analista.

2) Em *Transformações* (1965/2007) acompanhamos a segunda grande aproximação aos estados mentais não representados na obra de Bion: a ênfase na alucinação, no desnudamento de significados (transformações em não conhecer, ou -K) e na inclusão no âmbito analítico das transformações em *ser ou tornar-se*, para além das transformações em *conhecer* e *não-conhecer*. Com esse conceito de *ser* ou *tornar-se* – que defende podermos ter um contato direto com a realidade psíquica sem a intermediação do *conhecer* –, se abre um campo infinito para a psicanálise: os estados mentais não representados advindos de intuições passam a ser a matéria-prima privilegiada para o trabalho psicanalítico.

Essas duas expansões por Bion dos paradigmas fundantes do pensamento psicanalítico (este item e o anterior) passam a exigir novos parâmetros para a clínica. Com eles, também Bion muda sua perspectiva – de psicopatológica e explicativa para desenvolvimentista e descritiva:

- a análise passa de ser um trabalho de mapear e explicar os conteúdos mentais para mapear e descrever o funcionamento mental através dos processos de transformação;
- a visão psicopatológica é substituída por uma visão de desenvolvimento mental;
- a fundamentação do pensar na relação causa-efeito passa a ser vista como válida apenas para aqueles eventos mentais que conservam afinidades com o sensorial;
- o marco consciente-inconsciente é substituído pelo finito-infinito;
- a interpretação transferencial do não representado na construção do tecido mental fica secundária às elaborações do analisando de sua experiência emocional na sessão;
- os fenômenos somatopsíquicos diferenciam-se dos psicossomáticos;
- a possibilidade de contato direto com o não representado é incluída como dimensão fundamental no trabalho analítico, através do *tornar-se um com o objeto psicanalítico*;
- a mente do analista passa a ser vista como parte do *setting* analítico;
- a intuição passa a ser incluída como o mais efetivo instrumento para o contato com o mental não representado emergente em estados de grande intimidade entre as mentes de analista e analisando, o *ser-um-com-o-outro*.

Note-se aqui, especialmente, as expansões do âmbito da psicanálise que surgem com a proposta de Bion (1965/2007, 1970/2004) da possibilidade de a análise ocorrer mais favoravelmente através de um contato direto da dupla analítica com as camadas mais básicas, não representadas, do funcionamento mental. Com isso, muda-se o foco tradicional do trabalho psicanalítico: de um trabalho centrado nas transformações ocorrendo por formação simbólica (K, os estados

mentais representados, os pensamentos do pensador) para a disponibilidade do analista para receber diretamente e “gestar” elementos psíquicos ainda não nascidos para a vida mental do analisando. O ponto básico dessa proposta mutativa pode ser visto no reconhecimento de que nosso objeto de estudo (a mente humana) tem características únicas dentro do conjunto de aproximações possíveis do indivíduo com a realidade.

3) A terceira condição em que o não representado surge nas contribuições originais de Bion ocorre ao final de sua vida (entre 1976 e 1979), com suas conjecturas sobre a presença de atividades psíquicas ainda não nascidas para a mente, modelada no período pré-natal, cujos resquícios podem ser percebidos atuando como infiltrações na mente desenvolvida.

### **O não representado em um modelo da mente voltado ao desenvolvimento e funcionamento mental**

Proponho que, por sua importância contemporânea, possamos aprofundar algumas ideias sobre aqueles estados mentais não representados que carregam a condição de elementos psíquicos ainda não nascidos para a mente, dependentes, para sua evolução, da disponibilidade do analista para receber e elaborar os estados mentais que os carregam.

O ponto básico dessa proposta mutativa pode ser visto no reconhecimento de que nossa mente não pode ser reduzida aos parâmetros válidos para representações dos objetos sensoriais. Com essa perspectiva, o cerne original da personalidade (“self”), não redutível ao conhecer, passa a ser o objeto psicanalítico por excelência, em suas condições de imaterialidade, virtualidade, não replicabilidade, passível de ser vivenciado, mas não conhecido. Para simplificar suas referências a essa dimensão do funcionamento mental, Bion escolheu a notação O, inicial de “origem”.

Esses elementos psíquicos ainda não nascidos para a mente podem ser alcançados pela condição do analista em *ser ou tornar-se um com a realidade psíquica do analisando* e só entram secundariamente na dimensão do *conhecer* através dos processos de pensar, após serem vividos como uma nova experiência pelo indivíduo, alcançada sob a forma de intuição. Já em 1975, André Green observava:

Cada vez é mais frequente acompanharmos analistas questionando suas próprias reações ao que os pacientes comunicam, utilizando essas reações em suas interpretações juntamente com a (ou preferencialmente à) análise do conteúdo do que é comunicado, em função de a busca do paciente ser (inconscientemente) dirigida para o efeito de sua comunicação em vez da transmissão de seu conteúdo. (p. 3)

O ponto de apoio para essa atitude do analista está nos desenvolvimentos dados por Bion (1959/1988) para a compreensão da identificação projetiva como comunicação, expandindo a formulação inicial de Klein (1946/1969) de identificações projetivas como uma defesa primitiva da personalidade. Uma síntese feliz dessa compreensão foi feita por Kahn (2018, citado por Levine, 2022, p. 40, nota de rodapé):

Em psicanálise, dois regimes de linguagem operam lado a lado e misturam-se: um refere-se ao plano semiológico de sentidos [*meanings*] perdidos, o outro à performance [*performativity*] de afirmações vocalizadas ... [Essa dualidade do discurso, via palavras como condutores semânticos de sentido (*meanings*) e palavras como indutores de emoções,] significa que palavras vão ser ouvidas por aquilo que significam, incluídas na forma de significados compartilhados. Elas serão escutadas por aquilo que elas não querem dizer e, mais importante, por aquilo que elas não podem dizer: isto é, a parte que apenas se faz conhecer através dos atos que a vocalização da fala performa na análise.

É útil termos em mente que essa compreensão já estava, em outras palavras e conceitos, no cerne da ideia exposta por Freud em *Construções em análise* (1937/1975): construções podem funcionar dinamicamente no processo analítico e na cura, da mesma maneira que faz a recuperação de uma memória infantil traumática previamente reprimida (Levine, 2022, p. 40).

A valorização dessas ideias ganhou força crescente nas últimas décadas, por exemplo, nas contribuições de Bion, Winnicott, Green, Ogden. Ganhou ainda maior delineamento com a nomeação dessa forma de pensar a psicanálise como ontológica (Ogden, 2020), distinguindo-a das formas epistemológicas tradicionais de fazê-lo. Com isso, aponta-se que a via régia da psicanálise deixa de ser o buscar aproximar a *essência* da personalidade para representá-la, para passarmos a examinar as experiências de *existir* da pessoa.

### **Estados mentais não representados: uma aproximação ontológica**

A inclusão no trabalho analítico das experiências do par analítico para além das dimensões do conhecer/não conhecer, valorizando as experiências de *ser ou tornar-se um com o objeto psicanalítico* (*at-one-ment*), requer que o analista busque um novo estado mental, diferente daqueles de atenção flutuante e *rêverie*: um estado de não atenção ao sensorial, imprescindível para a decantação das conjunções constantes implícitas nas associações livres presentes no material clínico e de sua cristalização em uma representação através da *intuição psicanaliticamente treinada* (Bion, 1965/2007, pp. 32 e 65).

Uma formulação mais definida sobre o que é fundamental no analista para buscar privilegiar os estados mentais não representados surge com a contribuição de Bion (1970/2004, p. 130) sobre a possibilidade de termos acesso direto às emanações iniciais dos estados mentais ainda não nascidos e oferecer-lhes continência: o analista precisa esperar que aconteça uma transformação em *tornar-se um com o objeto psicanalítico*, o que só pode acontecer se ele puder tolerar as fragmentações e ansiedades primitivas da posição esquizoparanoide (*paciência*) e as tensões do surgimento de sua integração (*segurança*, posição depressiva).

É interessante perceber que já em *Cogitações*, em anotação de 1959, Bion (1992/2000, p. 94) identificava um ônus para o analista ao aceitar esse estado para além da atenção flutuante – o que possivelmente foi a base para a valorização dos

estados de *rêverie* em sua teoria do conhecer (1962/1966, 1963/2004, 1965/2007). Em *Atenção e interpretação*, Bion (1970/2004) também detalha observações sobre os riscos do analista ao aceitar essa posição sem ter tido, para si mesmo, uma análise em que essa condição de contato com as camadas mais básicas da mente tenha sido elaborada.

As indicações que Bion nos faz no referente a essa forma de trabalhar do analista são precisas e preciosas: para obter melhores resultados no contato com o não representado nascente, o analista precisa procurar colocar-se disponível ao que surge no limiar entre o indiferenciado e o que começa a ganhar forma na mente. Para tanto, seu instrumento é sua intuição treinada psicanaliticamente. Assim, as recomendações de sem memória, sem desejo, sem compreensão, continuam válidas, às quais se acrescenta a *sem coerência* (Bion, 1970/2004, p. 36). As experiências de *memórias sonho-símiles* (*dream-like memories*) seriam patognomônicas dessa experiência; neste ponto, há a necessidade fundante da confiança na existência da realidade psíquica e em sua força em busca de evoluir.

### **Ilustrações clínicas**

Para trazer essa discussão sobre o não representado para uma maior proximidade com as experiências em que estas ficam disponíveis, acrescento três vinhetas clínicas que ilustram como esses estados mentais ainda não nascidos para a mente estão sempre presentes e, frequentemente, passíveis de ser acompanhados.

### **Manifestações somatopsíquicas**

A analisanda começa a sessão com queixas de enxaqueca e emitindo alguns “ais” abafados. Logo começa a falar de uma dificuldade que diz vir evitando comentar e, dando muitas voltas, passa a esclarecer sua impossibilidade de pagar os honorários do analista. Antes mesmo que isso fique claro por suas palavras, o analista já tinha intuído que esse seria o tema e identifica estar experimentando uma tensão muscular nos membros inferiores, com sensação de seu esfriamento. Percebe também sua irritação e a presença da ideia de não aceitar o que antecipava ser a demanda da analisanda, tendo por base experiências anteriores de criação de dificuldades para obter facilidades. A percepção da tensão muscular e da irritação situa o analista no estar experimentando um estado mental de não representação. Tem tempo de elaborar sua experiência emocional e de recuperar sua função analítica, e evita manter o assunto no nível de problema objetivo a ser resolvido por decisões práticas. Intervém aproximando as dores físicas inicialmente manifestadas pela analisanda e as dores emocionais em ter que se haver, na relação analítica, com seus movimentos de se responsabilizar/não se responsabilizar por suas necessidades. Com a aceitação da analisanda da inclusão do exame das “dores emocionais”, a sessão evolui com oscilações entre o foco na experiência evoluindo na sessão e sua concretificação em objetos de seus relacionamentos pessoais.



**O não representado impactando o estado mental do analista**

Após um curto tempo de sessão (uns dez minutos) o analista se percebe divagando, com pouco contato com o que o analisando comentava: descrições minuciosas de suas exigências, decepções, queixas e conflitos com o companheiro e seus próprios familiares, tema frequentemente presente. Passava de um episódio para outro, sem algum exame do que surgia. Emocionalmente, a situação é como se alguém estivesse observando um terceiro – e não vivendo uma experiência própria. O analista vê-se com poucos elementos e faz uma tentativa de intervir e aproximar a situação por ele (analista) vivida. Acaba por falar, possivelmente mais para se mostrar presente: “seria possível que suas dificuldades fossem limitadas à relação com o companheiro? Podiam ser percebidas em outros contextos?”. Esse movimento mostra-se ineficaz, e a impressão do analista de uma impermeabilidade emocional no analisando se mantém. O analista continua a se perceber entorpecido, sonolento e, nesse estado, uma ideia lhe surge com mais força, levando a assinalar ao analisando que ele (analista) estava conjecturando que essas várias descrições feitas por ele poderiam estar tendo a função de evitar que outras questões surgissem para serem, estas sim, examinadas na sessão. Essa observação leva a alguma mudança; o contato com a experiência da dupla em andamento na sessão ganha algum corpo, assim como para o analista fica mais possível se manter em um estado de receptividade e de maior sintonia com o estado mental do analisando. Na sequência, pouco a pouco, surgem referências do analisando a situações vagas, que sugerem ao analista sentimentos de culpa infundados, embutidos em situações aparentemente agradáveis, assim como indícios de medo de um grande desastre se desenhando.

**O não representado nascente**

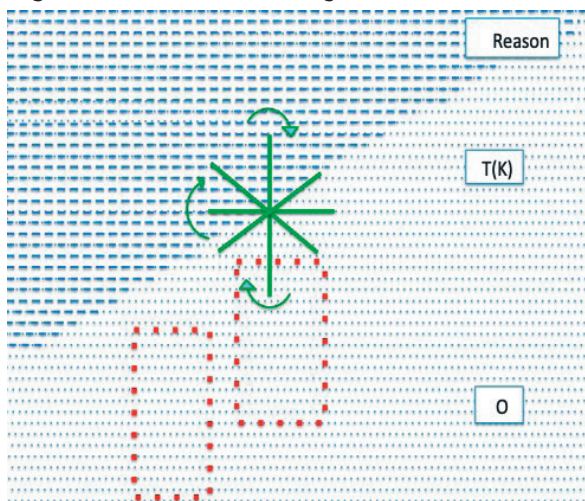
Em uma situação tensa na sessão, de irritação e hostilidade da analisanda, com queixas de insatisfação com a análise, o analista se percebe razoavelmente tranquilo. Nesse clima, vai percebendo sensações de erotização, sem qualquer elemento fático que lhe desse apoio. Talvez algo na voz da analisanda, na contramão do estado mental indicado pelas palavras. Essa presença de sentimentos erotizados pouco a pouco se intensifica. O analista acaba por aceitá-los como parte da experiência emocional em andamento na dupla e aponta à analisanda a possibilidade de ela estar receando um contato de maior intimidade na situação analítica, recorrendo às manifestações hostis como proteção ao que poderia estar surgindo. A reação dela é de maior irritação, mas após minutos vai se introduzindo outro tema: reclamações sobre a filha adolescente que iniciara um namoro mais sério. Parece ao analista estar testemunhando uma luta interior na analisanda, entre se haver, ou não, com sentimentos de uma sexualidade ainda não desenvolvida nela mesma. Parece ao analista ser uma questão ainda pouco madura para abordagem em plano simbólico ou transferencial, necessitando de maior massa crítica, e mantém o exame do que evolvia na relação analítica, a dimensão da relação da analisanda com a filha.

## Estados mentais não representados e o desenvolvimento de um modelo integrado do funcionamento mental baseado em Bion, segundo Vermote

Rudi Vermote (2011/2013, 2016, 2019) é um autor que tem sido capaz de oferecer uma elaboração da visão que surge com Bion, ao escolher o não representado como campo privilegiado pelo analista para conduzir sua prática clínica. Vamos segui-la através de algumas de suas úteis representações gráficas, buscando sua organização em pensamentos conceituais.

O modelo de mente que pode ser abstraído da obra de Bion nas décadas de 1960 e 1970 pode ser representado como da coexistência – mas não integração – entre duas zonas de funcionamento psíquico, a diferenciada (simbólica, representações), representada em traçado na Figura 1, e a zona indiferenciada, não representada, em pontilhado na imagem (o desconhecido, o não nascido para a mente). Entre ambas, uma cesura, que as separa, mas também permite alguma passagem de elementos de uma para a outra. O trânsito entre essas dimensões, da zona indiferenciada para a diferenciada, ocorre pela ação da função alfa, com a continência de conteúdos indiferenciados por continentes que se formam na zona diferenciada. Da mesma forma, elementos já diferenciados podem ser descartados, passando da zona diferenciada para a indiferenciada. Na zona indiferenciada, próximo das manifestações biológicas do funcionamento somático (origem das emoções), formam-se estados emocionais primitivos que se organizam em torno de qualidades básicas de dependência, acasalamento e luta e fuga. Não por acaso,

**Figura 1** – Um modelo integrado de funcionamento mental em Bion



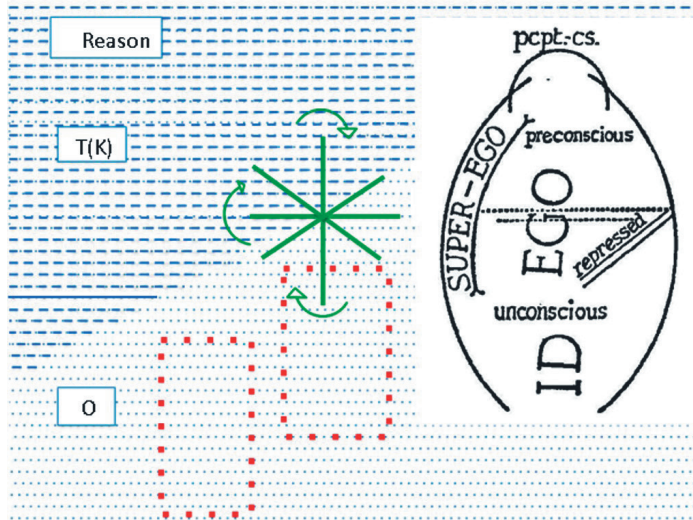
Fonte: Vermote (2016).

esses padrões assensoriais são identificados como as três faces do Complexo de Édipo como descrito por Freud. Remetem-nos também à ideia de uma herança filogenética da espécie. Ambas essas dimensões (diferenciada e não diferenciada) são caracterizadas pelo diferente grau de organização simbólica. Como camadas superpostas, separam-se em três formas de funcionamento psíquico: razão (*reason*, na imagem), conhecimento

(transformações em conhecer, T(K)) e indiferenciado (O, de “origem”).

Essa estratificação fica melhor percebida através do terceiro e quarto quadros de Vermote (2021), apresentados mais adiante (figuras 3 e 4).

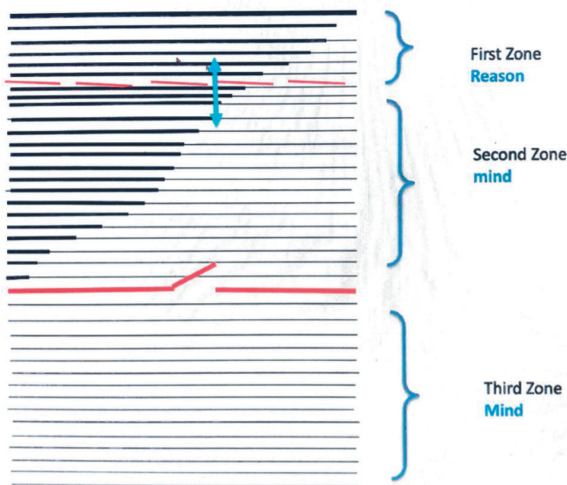
**Figura 2 – Modelos de mente em Freud e em Bion**



Fonte: Vermote (artigo não publicado).

Se colocamos lado a lado esse modelo de Bion, segundo Vermote, e o clássico modelo de Freud “do ovo” (1933/1994), podemos perceber suas semelhanças e diferenças. As semelhanças estão por conta do número de camadas (três), da ordem de sua superposição e das funções que desempenham. As diferenças ocorrem por conta de as teorias da mente de Bion serem teorias de campo, e a de Freud ser uma teoria de estruturas, assim como por conta da forma com que as funções da mente são organizadas por cada um dos dois autores.

**Figura 3 – Modelo de estratificação da mente I**



Fonte: Vermote (2021).

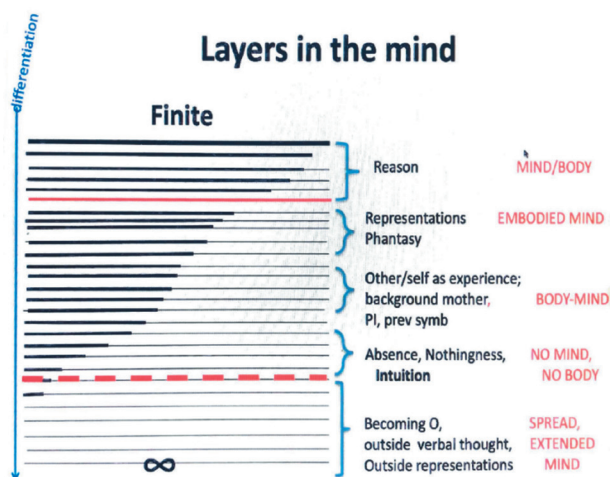
A criação de um modelo estratificado da mente, formado por camadas que se superpõem como em um corte sagital de um órgão, imediatamente nos traz o primeiro modelo da mente de Freud (1900/1972), com a identificação de consciente, pré-consciente e inconsciente. Bion (1977/1981), em “Cesura”, se utiliza de modelo convergente ao comparar a mente com as camadas em que se desenvolve uma cebola. Ambos os modelos trazem uma sugestão de profundidade, indo do mais superficial para o mais profundo.

Vermote (2021) cria graficamente um modelo de funcionamento mental em Bion, em que discrimina três diferentes zonas, cada qual com processos específicos, diferentes meios de transformação e resultantes finais próprios. Oferece-nos uma imagem em que razão, transformações em conhecer e a camada indiferenciada de O (origem) se superpõem, indicando que o desenvolvimento mental se inicia com o contato da matriz biológica com as experiências vividas com o ambiente pós-natal (relações de objeto), gerando elementos indiferenciados que serão trabalhados inicialmente por organizações filogenéticas que criam os padrões assensoriais básicos da mente, possivelmente a pré-concepção edípica, como nossa herança filogenética.

Entre as três diferentes zonas, há aberturas de passagem de uma para a outra. São várias as passagens entre a zona da razão e a mente criada pela função alfa (transformações em conhecer), sugerindo uma continuidade fácil entre ambas, com suas diversas formas de trabalho onírico. Lembremos que razão é vista por Bion como “destinada a servir às paixões, quaisquer que sejam elas, conduzindo-as à sua dominância no mundo da realidade” (Bion, 1963/2004, p. 20).

Já entre a segunda zona (transformações em conhecer) e a terceira (O, a mente indiferenciada), a passagem é mais restrita e pode ser identificada como o “local” de encontro entre os elementos indiferenciados de O e os elementos diferenciados de K; estes últimos organizam continentes para os primeiros, as transformações em O ou em *ser* ou *tornar-se* a realidade.

**Figura 4** – Modelo de estratificação da mente II



Fonte: Vermote (2021).

Possivelmente por tratar-se de tema pouco desenvolvido, na Figura 4 Vermote faz um esclarecimento das várias formas com que podemos acompanhar as manifestações dessa terceira zona de funcionamento mental (O).

Nesse quarto quadro, podemos acompanhar um detalhamento das funções como organizadas em cada uma das zonas de funcionamento psíquico complementando o quadro anterior. Acrescenta, também, a indicação do vetor finito-infinito e o crescente grau de indiferenciação nos elementos psíquicos na medida em que se afastam da condição de representação (mente diferenciada).

## Concluindo

Historicamente, o estudo de cada um dos diferentes estados mentais não representados tem sido o eixo do desenvolvimento de expansões do pensamento psicanalítico, desde a identificação de um inconsciente reprimido. Ainda com Freud, a aproximação com os estados mentais em que as representações surgem descaracterizadas de sua condição simbólica (os fenômenos narcísicos ou psicóticos) expandiu fortemente o contato com os estados mentais não representados. Melanie Klein e suas contribuições sobre a existência, já no primeiro ano de vida, de uma mente primitiva continuou esse movimento de expansão. Com Bion, alcançamos novas dimensões mentais, primeiramente através de suas contribuições sobre o pensar e os processos de conhecer/não-conhecer como eixo organizador do pensamento psicanalítico e, na sequência, com sua proposta de o analista centrar suas observações no indiferenciado em vez de no representado, assim como no desenvolvimento da perspectiva ontológica, para além da epistemológica. Ainda com Bion, suas conjecturas sobre a existência de uma mente não nascida, tendo como base e modelo o psiquismo já presente no feto, abrem perspectivas ainda não suficientemente exploradas psicanaliticamente do que podemos encontrar como estados mentais não representados.

---

### Estados mentales no representados

**Resumen:** El autor hace un recorrido por la presencia de estados mentales no representados y su papel histórico como frontera a ser franqueada por el crecimiento del conocimiento psicoanalítico. Dentro de este amplio campo, privilegia los aportes de Bion para profundizar el tema, ampliándolo por medio de la presentación de cuadros ilustrativos del modelo de funcionamiento mental surgido con este autor, en gráficos de Rudi Vermote. Además, se presentan descripciones de la presencia frecuente en la clínica de estos estados mentales no representados.

**Palabras clave:** estados indiferenciados de la mente, estados mentales no simbólicos, estados mentales no nacidos

### Unrepresented mental states

**Abstract:** The author makes an overview of the presence of unrepresented mental states and their historical role as a frontier to be crossed by the growth of psychoanalytic knowledge. Within this broad field, he favors Bion's contributions to examine the theme in more depth, expanding it through the presentation of illustrative pictures of the model of mental functioning arising from this author, in graphics by Rudi Vermote. Descriptions of the frequent presence of these unrepresented mental states in the clinic are also presented.

**Keywords:** undifferentiated states of mind, non-symbolic states of mind, unborn states of mind

---

## Referências

- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência* (J. Salomão e P. D. Corrêa, Trans.). Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1981). Cesura (M. T. M. Godoy, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1988). Ataques ao elo de ligação. In *Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts)* (W. M. M. Dantas, Trad.; pp. 109-116). Imago. (Trabalho original publicado em 1959)
- Bion, W. R. (1988). Uma teoria sobre o pensar. In *Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts)* (W. M. M. Dantas, Trad.; pp. 127-137). Imago. (Trabalho original publicado em 1961)
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações* (F. Bion, Ed.; E. H. Sandler e P. C. Sandler, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise* (J. Salomão, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2007). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Braga, J. C. (2011). Às vezes penso, às vezes sou. In C. J. Rezze, E. S. Marra, & M. Petricciani (Orgs.), *Psicanálise: Bion: clínica ↔ teoria* (pp. 49-58). Vetor Editora. (Trabalho original publicado em 2009)
- Braga, J. C. (2011). Nossa paradoxal herança psicanalítica: senhores do conhecimento (→ finito) e súditos do conhecer (→ infinito). In C. J. Rezze, E. S. Marra, & M. Petricciani (Orgs.), *Psicanálise: Bion: clínica ↔ teoria* (pp. 159-166). Vetor Editora. (Trabalho original publicado em 2010)
- Braga, J. C. (2016). *Os desconhecidos, dentro e fora do conhecer* [Apresentação de trabalho]. IX Jornada Psicanálise: Bion, São Paulo, SP.
- Freud, S. (1972a). *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 4. A interpretação dos sonhos (I) (1900)* (W. I. Oliveira, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1972b). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 5. A interpretação dos sonhos (II) e Sobre os sonhos (1900-1901)* (W. I. Oliveira, Trad.; pp. 361-665). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

- Freud, S. (1975). Construções em análise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 23. Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)* (J. O. A. Abreu, Trad.; pp. 13-161). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1987). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 14. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (T. Brito, P. H. Brito e C. M. Oiticica, Trads.; 2a ed., pp. 77-108). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1994). Conferência XXXI: A dissecção da personalidade psíquica. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 22. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)* (J. L. Meurer, Trad.; 2a ed., pp. 63-84). Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Green, A. (1975). The analyst, symbolization and absence in the analytic setting (on changes in analytic practice and analytic experience). *The International Journal of Psychoanalysis*, 56(1), 1-22.
- Klein, M. (1969). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, & J. Riviere, *Os progressos da psicanálise* (A. Cabral, Trad.). Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1946)
- Levine, H. B. (2022). *Affect, representation and language: between the silence and the cry*. IPA; Routledge.
- Ogden, T. H. (2020). Psicanálise ontológica ou “O que você quer ser quando crescer?”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 23-48.
- Vermote, R. (2013). Sobre o valor das últimas contribuições de Bion para a teoria e a prática analíticas (T. M. Zalcberg, Trad.). *Livro Anual de Psicanálise*, 27(1), 37-46. (Trabalho original publicado em 2011)
- Vermote, R. (2016, 29 de outubro). *Era Bion um kleiniano?* [Apresentação de trabalho]. Conferência da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, SP.
- Vermote, R. (2019). *Reading Bion*. Routledge.
- Vermote, R. (2021, 28 de novembro). *Transference and countertransference from a Bionian perspective*. Conferência organizada por IPSO, Istambul, Turquia.

---

**João Carlos Braga**

Endereço: Rua José Antoniassi, 320. Curitiba/PR.

CEP: 80810-170

Tel.: (41) 3335-0643

E-mail: bragajc43@gmail.com